

Vanguarda centenária: territórios e temporalidades dos modernismos brasileiros.

HARDMAN, Francisco Foot. *A ideologia paulista e os eternos modernistas*. São Paulo: Editora Unesp, 2022. 269p.

Natália Zampella¹

Mestranda em História

Universidade Estadual Paulista, Unesp/Assis

natalia.zampella@unesp.br

Recebido em: 10/08/2023

Aprovado em: 14/02/2024

Muitas são as tentativas de revisão crítica do movimento modernista, seja pela sua manifestação na literatura, nas artes plásticas, na música ou no projeto de nação pensado pela vanguarda. O centenário comemorado em 2022 agitou o mundo editorial com a publicação de dezenas de pesquisas, que, em sua maioria, propõem releituras e revisões do movimento. Essa é uma tendência que surgiu ainda nos anos 1990, visando questionar a periodização e os eventos consagrados como fundadores do modernismo no Brasil.

Nesta seara, o lançamento da coletânea *A ideologia paulista e os eternos modernistas*, de Francisco Foot Hardman, professor titular de Literatura na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pela Editora Unesp, realiza um importante trabalho ao trazer à cena outras possibilidades interpretativas acerca do modernismo, à margem da mitologia centrada em São Paulo.

Para o autor, a ideia de “ideologia modernista” está assentada “nas bases da hegemonia das oligarquias cafeeira e industrial paulistas no Brasil dos anos 1920-30” (HARDMAN, 2022, p. 11), que suprime as diferentes visões de mundo e formas de se fazer arte no início do século XX, colocando São Paulo como o centro econômico e capital cultural do Brasil. O questionamento da hegemonia cultural que confere à Semana de Arte Moderna e, conseqüentemente, à cidade de São Paulo o papel

¹ Bolsista Fapesp (Processo 2023/05184-4).

de inauguradores do modernismo é o ponto central da crítica de Foot Hardman, que buscou, em autores alijados do cânone, as fagulhas modernas que despontaram, de norte a sul do país, pelo menos meio século antes de 1922.

O livro está organizado em duas partes – “República das ruínas e das solidões” e “Paisagens estranhas, tempos extremos” cada uma delas composta por sete capítulos, a maioria deles anteriormente publicados em livros, revistas e jornais, como aponta o autor na Nota Introdutória. O texto mais antigo da coletânea data de 1992 e o mais recente de 2022, este sim inédito. Note-se que o autor trabalhou ao longo de trinta anos na construção argumentativa do seu ponto de vista, o que se evidencia na consistência das problemáticas por ele apresentadas, que estão em sintonia com um debate historiográfico que está amadurecendo.

Em “República das ruínas e das solidões” Foot Hardman analisa autores como Augusto dos Anjos, Sousândrade, Silva Jardim, Raul Pompeia e Euclides da Cunha no contexto da passagem da Monarquia à República, evocando trajetórias e obras que fazem parte de estilos literários diferentes, mas que, a sua maneira, contribuíram para dar à literatura finissecular o tom de modernidade, como explica:

(...) lembrando que a história trágica da formação do Estado nacional, sobretudo na passagem da Monarquia à República, é um cenário de projetos em luta, em que a vida literária, em diferentes regiões do Brasil, atuou e se expressou em obras e linguagens plenamente modernistas, do simbolismo, ao decadentismo, do parnasianismo ao libertarismo. (HARDMAN, 2022, p.12)

O primeiro capítulo, intitulado “Algumas fantasias de Brasil: o modernismo paulista e a nova naturalidade da nação”, originalmente escrito em 1996 para seminário internacional promovido pelo Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Poitiers, na França, pode ser considerado um dos textos centrais da coletânea, por apresentar, de forma categórica, as principais críticas de Foot Hardman acerca da vanguarda paulista. O autor parte da obra de Oswald de Andrade, reeditada na década de 1970, para problematizar a apreensão dos críticos em relação à Antropofagia, elevada ao status de “programa político-cultural de uma identidade nacional vendida sempre como vanguardeira” (HARDMAN, 2022, p. 19). Sua argumentação visa fazer um balanço do que chama de “pretensa vanguarda crítica”, que almejava a manutenção do poder da oligarquia paulista. Ao localizar a retomada da obra Oswaldiana no contexto da década de 1970, capitaneada por Haroldo de Campos, Foot Hardman traça um paralelo entre a luta da resistência contra a ditadura militar e

marcos culturais, a exemplo da encenação de *O rei da vela*, no Teatro Oficina, e a canção *Alegria, alegria*, de Caetano Veloso, apontando para as continuidades frágeis de um modernismo genérico e datado “(...) em seus códigos e cacoetes e monumental como construção histórico-cultural” (HARDMAN, 2022, p. 21).

Em diálogo com questões da década de 1990, como a noção de multiculturalismo, o autor tece crítica sobre a incorporação de grupos minoritários às culturas hegemônicas, como foi o caso da apropriação da história, estética e linguagem indígena pelos paulistas de 1922, “digna da melhor herança do bandeirantismo” (HARDMAN, 2022, p. 25), que visava apenas incorporá-las tematicamente, como no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e no *Manifesto Antropófago*. Ao invés de inverterem a noção colonialista, que subalterniza a voz de sujeitos não brancos, a euforia da vanguarda realizou sutil exclusão ao subtrair o discurso desses outros genéricos e incorporá-los como temática no que considera falsa ideia de refundar as bases de uma nacionalidade “inclusiva”.

O capítulo seguinte, “Antigos modernistas”, parte da tese de livre-docência defendida em 1992, o autor propõe outros caminhos trilhados pela modernidade do fim do Oitocentos, que sedimentaram o caminho para a ruptura de 1922. Sob a justificativa de redescobrir o Brasil, “uma série de pensadores e obras já se inscrevia num movimento sociocultural de ideias e reivindicações (...)” (HARDMAN, 2022, p. 37), que mais tarde ganharia a alcunha de modernismo. As projeções de revalorização do passado brasileiro não se constituem propriamente em novidade, visto que, desde o fim de Guerra do Paraguai (1865-1870), o país conheceu significativas transformações sociais, políticas e econômicas. De acordo com o autor, a inserção de uma camada operária e imigrante nos centros urbanos representou importante fator para a renovação linguística, estética e temática da literatura. Chamada de *art nouveau*, essa literatura, predominante na cena urbana “servia, também, à enumeração de signos das diferenças sociais, ao desenrolar de fragmentos pertencentes à velha ordem que desabava, à derradeira encenação de artifícios das elites” (HARDMAN, 2022, p. 54). O autor ainda chama atenção para o impacto dessa transformação espaço-temporal experimentada na virada do século:

Temporalidades em trânsito, choques muitas vezes antagônicos entre messianismos românticos e maquinismos iluministas; territórios descontínuos, fronteiras movediças, paisagens destruídas; línguas enigmáticas, símbolos herméticos, culturas intransponíveis. É preciso assinalar de perto a historicidade desses “territórios à margem da história”, sua antiga modernidade, assim como a não memória da violência que se aloja nos códigos

modernistas tornados em convenção, o bruto esquecimento que se inscreve na história consagrada do modernismo. (HADRMAN, 2022, p. 57)

Como forma de problematizar a marginalidade imposta colocada pelos discursos dos heróis de 1922, Foot Hardman, nos capítulos seguintes, se debruça na análise de “Augusto dos Anjos e o antitropicalismo” e “A Pan-América utópica de Sousândrade”, autores que, definitivamente, se encontram fora do cânone e que muitas vezes acabam inseridos no balaio equivocado do “pré-modernismo”. Com Augusto dos Anjos, o autor pretendeu analisar a modernidade da obra do poeta a partir de imagens presentes em sua poesia, que evocam a tropicalidade. Em Sousândrade, Foot Hardman parte do poema *O Guesa errante* (1888), inspirado em lenda andina, para discutir a concepção de panamericanismo, “projeto utópico de que os povos das Américas pudessem se reunir (...) em nome do progresso iluminista, cosmopolita para integrar suas culturas multifacetadas”, que teve pouco eco no Brasil, ainda muito marcado pelas referências europeias.

O autor finaliza a primeira parte do livro com um texto de 2017 consagrado aos desafios da modernidade presentes nas obras de Sousândrade e Euclides da Cunha, que expressam as contradições de uma sociedade que seguia valorizando tendências europeias. Os dois, republicanos e abolicionistas, viveram as (des)ilusões de uma sonhada república que não atendeu às expectativas nela depositadas. Para Foot Hardman, suas obras dialogam a partir das “figurações emblemáticas do trágico-moderno nas fronteiras problemáticas de nacionalidades que surgiam como espectros na América do Sul da segunda metade dos Oitocentos” (HARDMAN, 2022, p. 143).

A segunda parte, “Paisagens estranhas, tempos extremos”, o autor evoca produções literárias que abordam “a inelutável correlação entre “literatura nacional” e as contradições da história mundial contemporânea no século XX” (HARDMAN, 2022, p. 12). No texto de abertura, “Elogio de um farfalhante: a palavra no século das guerras” de 1994, é retomada a discussão sobre a mudança na percepção sócio temporal, desencadeada com a deflagração da Primeira Grande Guerra. O mote é *Quinzenas de campo e guerra* (1915), de Alberto Rangel, narrativa em forma de diário sobre a ruptura que o conflito instaurou na modernidade científico-tecnológica, celebrada no contexto ocidental. Em contraste com a percepção de Rangel sobre o conflito europeu, no capítulo seguinte “Zweig em São Paulo: dispositivos do mal”, o autor busca reconstituir, por meio dos lugares visitados pelo escritor judeu, as marcas de uma modernidade atravessada pela barbárie.

Os capítulos seguintes corroboram com a ideia inicial do autor de evidenciar as múltiplas temporalidades que, num mesmo momento, podem ser identificadas no Brasil. Assim, em “Cidades errantes: signos do moderno no Nordeste oitocentista”, o autor introduz a problemática da modernização em territórios “periféricos” em relação ao complexo cafeeiro do Centro-Sul. O estigma em torno de um nordeste seco, estático e imerso na miséria foi reproduzido sistematicamente pela historiografia e pela ficção até meados do século XX. No entanto, o autor teve o cuidado de mostrar que, a despeito de todas as tentativas de reduzir a região à sinônimo de desamparo político e econômico, escritores como o baiano Manoel Raymundo Querino, ainda no contexto do movimento abolicionista, delineavam projetos modernos de nação, que integrasse a população negra e operária ao novo regime republicano.

Nos dois últimos capítulos, Foot Hardman volta à São Paulo e encerra a análise contemporizando contribuições relevantes de autores que tomaram o segundo plano da cena modernista. É o caso de Paulo Emílio Sales Gomes, Patrícia Galvão, Flávio de Carvalho e Mário Pedrosa, todos ligados, em alguma medida, aos modernos da primeira hora, mas que, seja pela temporalidade das obras, temas ou espaços sociais ocupados e postura políticas abraçadas, acabaram por se tornar uma espécie de “estranhos no ninho”. O último capítulo, “Adeus, Macunaíma”, é o texto mais combativo e radical do conjunto. Escrito em 2016 como artigo para o caderno Aliás, do jornal *O Estado de S. Paulo*, Foot Hardman retoma sua crítica ao mito modernista e à identidade nacional forjada por meio do silenciamento dos povos originários, a partir de *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, e o caracteriza como “(...) mera força de barra. Como o é o hegemônico sistema cultural-literário da elite paulista que o entronizou” (HARDMAN, 2022, p. 236).

A obra, tomada em seu conjunto, constitui-se em contribuição relevante para a crítica acerca do momento fundador do modernismo. Ainda que se trate de recolha de textos escritos em momentos distintos, eles guardam organicidade e indicam reflexões que, há três décadas, problematizam a postura historiográfica que exalta a Semana como a narrativa central do movimento, insistindo em descortinar modernos e modernistas de norte a sul do país, com tempos e temporalidades distintas. Considerações pacientemente tecidas, ancoradas em leitura instigante e original, a indicar que não é de agora que se tenta desafiar o coro dominante.

Referências bibliográficas

HARDMAN, Francisco Foot. **A ideologia paulista e os eternos modernistas**. São Paulo: Editora Unesp, 2022. 269p.